

Entrevista a Samuel Úria sobre *Punk Rock* e Religião

Na sequência do meu estudo sobre “*Punk Rock* cantado em Língua Portuguesa e a Mensagem Salvífica do Protestantismo”, apresentado em comunicação ao Congresso Internacional “Em Busca da Terra Prometida: Mitos de Salvação”, que decorreu nos dias 20, 21 e 22 de setembro de 2017, no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, entrevistei, no dia 3 de junho de 2017, às 18 horas, na Casa da Cultura de Ílhavo, Samuel Úria, protestante batista e um dos mais destacados e esclarecidos cantatores *Pop-Rock*¹ da música atual produzida em língua portuguesa. Samuel Úria iniciou a sua carreira musical sob os auspícios da Editora FlorCaveira² - à qual, aliás, continua ligado - cujo lema fundador era “Panque Roque e Religião”. Para além desta temática, e tendo em conta os meus principais interesses de investigação, que são a interceção entre música *Pop-Rock* e Literatura, ou seja, o cruzamento metodológico e hermenêutico entre os Estudos Literários e os Estudos de Música *Pop-Rock*³ (*Popular Music Studies*), interroguei-o também acerca de outros tópicos co-relacionados. Nomeadamente, a sua relação com a escrita e as influências do seu pessoalíssimo

¹ Para uma cabal diferenciação em relação a uma primeira geração de cantatores portugueses, conectados com a resistência ao Estado Novo e praticantes duma poesia militante e duma sonoridade, na sua grande maioria, acústica, designo por cantatores *Pop-Rock*, os autores musicais de gerações posteriores que têm um entendimento da canção enquanto pessoalíssimo meio de expressão individual (ainda que, por vezes, com ligações ao ideológico e ao social), cuja sonoridade é fortemente devedora dos universos anglófonos do *Pop-Rock*. Assim, por exemplo, Jorge Palma, dados os tópicos tratados nas suas canções e a influência dos universos artísticos de, entre outros, Lou Reed ou David Bowie, terá sido um dos primeiros cantatores *Pop-Rock* portugueses. A designação cantautor só deverá ser aplicada quando estamos a tratar de autores cujo entendimento epistemológico da arte de fazer canções remeta para um forte cunho literário e estético. Neste ponto, dever-se-á assinalar, ainda que com importantes antecedentes, a importância de Bob Dylan, que transformou, em definitivo, a canção num objeto artístico de *High Culture*. Em Portugal, vários autores de diferentes gerações, ainda que muito diferentes entre si, partilham as referências atrás assinaladas e, por isso, os designo por cantatores *Pop-Rock*. João Peste, Jorge Palma, Pedro Abrunhosa, ou, já na 2ª Geração, Samuel Úria aqui entrevistado, Miguel Araújo, Márcia, ou uma nova geração agora a despontar, que inclui nomes como Benjamim, Luís Severo e Duquesa, fazem todos parte deste lato universo de cantatorias *Pop-Rock*. Considero também Cantatores *Pop-Rock* portugueses aqueles que escolhem o Inglês para veicular um universo de alta qualidade literária e estética, como por exemplo Noiserv ou Legendary Tigger Man. E isto por duas razões: por serem portugueses e por ser impossível fazer uma história da música portuguesa minimamente séria sem passar pelas suas relevantes obras.

² A Editora FlorCaveira teve, a partir do início do século XXI, um papel muito importante no retomar da música moderna cantada em língua portuguesa. Para além duma assunção da religiosidade de muitos dos seus autores, foi um abrigo e um verdadeiro viveiro de criatividade, tendo dado a conhecer a obra de autores tão relevantes como B-Fachada, Diabo na Cruz, João Coração, entre outros. Foi fundada pelo cantautor *Pop-Rock* e pastor protestante batista Tiago Cavaco em 1999 e continua ativa.

³ Por uma questão de rigor, não se deve traduzir literalmente *Popular Music Studies*, pois estar-se-á a gerar confusão com os Estudos de Música Popular, que estudam precisamente música popular, tradicional e regional. O objeto de estudo dos *Popular Music Studies* é a música *Pop-Rock*. Daí que a retroversão correta para português seja Estudos de Música *Pop-Rock*.

universo lírico. Para além, claro, da possível contaminação criativa com a obra de outros companheiros de ofício de várias gerações. Samuel Úria foi generoso e recetivo, não se furtando a nenhuma das questões. Ao longo do texto da entrevista, e sempre que me pareceu pertinente, introduzi algumas notas de rodapé.

PROTESTANTISMO E *PUNK ROCK*

- Para começar uma curiosidade: o seu nome tem alguma relação com o profeta bíblico homónimo?

- Sim. Eu cresci numa família protestante e é normal os protestantes, cá em Portugal, quer da minha geração, quer de gerações anteriores, terem nomes de origem bíblica. Ou seja, nomes hebraicos. Eu chamo-me Samuel Isac Jesus que, nesse sentido, são nomes fortíssimos. E, embora eu não consiga seguir completamente o rasto genealógico, sei que o sobrenome Úria deriva de *Urias*⁴, que é um nome judaico. Úria chega, assim, até mim já depurado com prováveis passagens pela Galiza.

- Os Sex Pistols cantavam “I Am an Antichrist”. De que modo é que o Samuel resolve a possível contradição entre os princípios basilares do movimento *Punk* e a sua condição de protestante baptista?

- Não há contradição nenhuma. Repare: quando os *Sex Pistols* surgem, aparecem a dizer que são anti tudo, incluindo que eram anticristo. Ora, isto era uma mensagem de *anti-establishment* e rebeldia. Mas a verdade é que, no final do século XX e início do século XXI, não há nada de mais *anti-establishment* do que uma pessoa falar abertamente das suas crenças e assumir-se dependente duma entidade superior. Nos nossos dias, possivelmente, este é o ato mais rebelde que se pode ter. E, por isso mesmo, é até olhado de lado, com alguma desconfiança. Embora isso hoje já esteja mais esbatido, a verdade é que eu próprio, durante algum tempo, senti bastante essa desconfiança. Portanto, não há nada mais *Punk*, mais rebelde, do que remontar àquilo que, para muitas pessoas, é uma espécie de atitude e de ideário ultrapassados.

- Que não parece ser o seu caso ...

- De todo. Aliás, existe todo um mundo que nós aceitamos como culturalmente rico e válido o que tem uma raiz religiosa profundíssima. Isso é perfeitamente visível, por exemplo, em muitas das expressões culturais e artísticas dos Estados Unidos, que é um país protestante na sua origem. Ainda hoje encontramos esses vínculos através de provérbios, imagens, canções, enfim, toda uma simbologia patente, por exemplo, no cinema independente americano. Fenómeno que, por volta dos anos 60 e 70 do século XX, também aconteceu em solo europeu, no cha-

⁴ Urias é também o nome duma personagem bíblica do Antigo Testamento, referida no Livro Segundo de Samuel. Pertenceu ao exército do Rei David e era o marido de Betsabé, que cometeu o traiu com o Rei. Urias viria, mais tarde, a ser assassinado pelos amonitas na frente de batalha onde foi colocado por ordem do Rei David.

mado cinema de autor, onde encontramos também, de modo bem vincado, essa marca religiosa, usada como expressão cultural. Hoje em dia, a religião afirma-se, em grande medida, como contracultura. Essa marca religiosa transformou-se numa expressão cultural de pura rebeldia.

- Portanto, quando faz o elogio dos Nirvana ou demonstra especial apreço por uma canção iconoclasta como a “Budapeste” dos Mão Morta não sente estar a entrar em choque com a sua fé?

- Não. O que ressaltava nos Nirvana e no seu compositor, Kurt Cobain, era uma marca rebelde, mas de teor adolescente. A tal “*Teenage Angst*”, referida numas das suas canções. No entanto, aquilo que eu considero ser a minha rebeldia não é adolescente. E isto porque está assente em algo que eu considero – apesar de existir uma máxima cristã que diz que a nossa fé tem de ser como a de uma criança, de ter simplicidade nas perguntas que persegue.

- Como, aliás, descreve na sua canção “Império”.

- Certo. Mas nessa canção se, por um lado, nomeio a simplicidade da criança, por outro, também falo de seriedade, ou seja: maturidade. Maturidade essa, que por ser simples e direta, e acima de tudo séria e honesta, poderá ter a aparência enganadora duma certa infantilidade. Portanto, a minha rebeldia é precisamente o oposto duma rebeldia adolescente porque está assente na maturidade. E isto faz-me ponderar aquilo que, hoje em dia, são as agruras de algumas pessoas – e eu sinto isto, sobretudo, no meio artístico onde há uma espécie de cartilha invisível que parece ter de obedecer a determinados valores que eu não subscrevo.

- Posso concluir então que o trinómio *Sex, Drugs and Rock ’n Roll*, não faz para si grande sentido?

- Esse trinómio hoje está perfeitamente vulgarizado, especialmente nos meios urbanos, e já é encarado com alguma normalidade - o que é um sinal de alguma emancipação. O mundo já está suficientemente emancipado para não precisar do terceto Sexo, Drogas e Rock como uma afirmação reivindicativa. O mundo parece já emancipado dos espartilhos que existiam anteriormente e que levaram, por exemplo, à revolução sexual e outras, que reivindicavam a autodeterminação de cada qual dispor do seu próprio corpo. Se olharmos para a cultura mediática facilmente percebemos que está completamente enraizada nessa emancipação. Devo dizer, no entanto, que o meu propósito pessoal não é emancipar-me.

RELIGIÃO E REBELDIA

- Qual é então o seu propósito, Samuel?

- As minhas questões de fé não são nem culturais, nem sociais. Eu simplesmente uso-as para fazer uma afirmação que julgo necessária. Em termos de emancipação o mundo, pelo menos o mundo ocidental, já conquistou o que tinha para conquistar, e agora avança-se - eu sei que esta é uma visão quase grotesca e bota-de-elástico - rumo à devassidão. A nossa sociedade é completamente hedonista. A minha fé ensina-me que o caminho a seguir não é o hedonismo porque

este é demasiado autocentrado e exclui o mais importante: o Outro. Mas basta sairmos dessa visão de que o mundo é feito à nossa medida e começarmos a ter consciência, ou simplesmente pormos a hipótese, de que pode existir algo maior do que nós para sermos então verdadeiramente rebeldes. Podendo esta minha posição, claro, ser considerada, como uma rebeldia retrógrada, que, muitas vezes, é logo catalogada depreciativamente.

- Está a referir-se à questão do “neo-retro-redneck” exposta na canção “Teimoso”⁵?

- Exatamente. Mas aí eu estou a ironizar, pois não me considero, de todo, “neo-retro-redneck”. Eu, perante o catalogar, perante esse raciocínio que conclui que se uma pessoa é religiosa logo deve ser racista, homofóbica, tudo e mais alguma coisa, faço questão de ironizar. Na verdade, é exatamente o contrário, pois, quando dou um passo atrás, e me ponho à distância dum mundo que se mede com uma régua que não tem mais do que o metro e noventa que eu tenho, eu tenho de considerar que os outros podem ser maiores do que eu. E os outros podem ser, claro, pessoas doutras culturas e cores, doutras preferências sexuais. E eu tenho uma ordenança de amor para com elas. Uma ordenança de amor foge ao nosso próprio prazer, ao tal hedonismo e aos deleites autocentrados, escapa dessa cultura de devassidão e de contemplação dos próprios prazeres e fala numa linguagem simultaneamente retrógrada e revolucionária. E é nessa tensão que eu me jogo porque é ela que provoca expressão.

criação e autenticidade

- Posso deduzir que encara a sua carreira de músico como uma missão?

- Eu quando estou a escrever uma canção não estou a pensar num lado missionário. Eu, apesar de ser duma religião protestante evangélica, não sou evangélico na minha música, mas a minha música reflete naturalmente aquilo que eu sou. A minha preocupação quando estou a escrever canções é ser fiel.

- Encontra espiritualidade no Rock?

- Encontro, claro. Mas nas minhas canções eu tenho de ser sincero, e para ser sincero eu tenho de conseguir manifestar aquilo em que eu acredito, aquilo que penso, o que, de certo modo, é quase um contra-senso, pois é um bocado egoísta.

- E essa sinceridade que reclama para a sua arte é realmente concretizável?

- Eu julgo que sim e acho que tenho conseguido. Se assim não fosse, acho que já teria desistido.

- Mas a arte, toda a arte, não vive, como frisou o Pessoa, do fingimento?

⁵ A canção citada faz parte do álbum de Samuel Úria, editado pela Editora FlorCaveira em 2009, intitulado *Nem lhe tocava*. A estrofe completa é a seguinte: “Eu nunca fui do Prog-Rock/Sou neo-retro-redneck/Nasci num antro só de Enters/Já nem sei carregar num Rec.” (Úria, 2009)

- Sim. Mas mesmo no fingimento, mesmo quando eu invento histórias, quando eu simulo coisas, mesmo quando opto por universos simbólicos em vez da literalidade das coisas, mesmo quando eu vou por portas travessas, estou sempre a querer chegar a um caminho, ou a querer alcançar ideias que são: sinceras. Muitas vezes, as minhas simulações funcionam por contraste. Por exemplo, posso estar a contar uma história, duma determinada maneira precisamente porque pretendo que seja o seu contrário que acabe por sobressair. E só me dou por satisfeito quando aquilo em que eu acredito, a minha fé, as coisas que eu professo e o meu conjunto de valores não ficam submersos, mas, pelo contrário, emergem da minha obra. E, neste sentido, o *Rock´n Roll* é pura expressão.

O DIABO E LARRY NORMAN

- **E o *Rock* é também religião ou não?**

- Poderá ser... Embora eu ache que não há uma religião do *Rock´n Roll*. O Larry Norman ⁶, que compõe canções *Rock* religiosas e que influenciou não só os U2, mas também artistas absolutamente insuspeitos como os Pixies e os Violent Femmes, tem uma obra que pode ser considerada rebelde, tanto para os crentes como para os não crentes, porque ele está a tocar *Rock´n Roll*, que, nos primórdios, nos anos 50 e 60 do século XX, era visto como o grande fator de desvio dos jovens e dos adolescentes e era considerado a música do diabo. Apesar disso, o Larry Norman, atinge também os descrentes que querem que o diabo seja considerado *cool*.

- **Acredita no diabo?**

- Sim, acredito no diabo.

- **Como uma entidade ou como uma conceção do mundo?**

- É-me indiferente essa distinção. O título duma das canções do Larry Norman é “Why Should the Devil have all the Good Music?”. E eu concordo com ele. Porquê? Se é bom porque não virar isso para o lado do bem? Porque é que o bom e o bem não hão de estar sintonizados e do mesmo lado? Porque é que o *Rock* não há de estar sintonizado com a religião? O Larry Norman tenta resgatar aquilo que seria do domínio do diabo e trazê-lo para o nosso aprisco. E esta é a atitude mais revolucionária que se pode ter porque se está a atingir toda a gente: os rebeldes do *Rock* que não queriam ser conotados com o bem e os religiosos que não queriam que a música do diabo, o *Rock*, falasse de coisas boas. O Larry Norman surge em meados dos anos 70 do século passado. Mas, tendo em conta que posso ser um *bad boy* a praticar o bem, hoje esta atitude faz todo

⁶ Larry Norman foi um prolífero cantautor *Pop-Rock*, considerado como um dos fundadores do *Rock* Cristão. O grosso da sua obra foi dado a lume durante os anos 70 do século XX, em álbuns como *Only Visiting This Planet*, *In Another Land* e *Streams of White Light*. Em 2011, na mesma altura que Elvis Presley, passou a fazer parte do reputado panteão do Gospel Music Hall of Fame. O seu nome é abundantemente citado como influência por diversos músicos: The Who, Guns N´ Roses, Audio Adrenaline, etc...

o sentido e é a coisa mais *Rock 'n Roll* possível porque estou a atingir e a fazer refletir ambos os lados.

A LÍNGUA PORTUGUESA E O TRANSCENDENTE

- A certa altura, e falando agora da língua portuguesa, o Samuel diz que a língua portuguesa, por vezes, lhe responde de uma maneira transcendental. Como é que isso, em concreto, sucede?

- Eu cresci a ouvir leituras bíblicas em Português, um Português elaborado, na tradução de João Ferreira de Almeida, que é o primeiro tradutor do texto completo da bíblia para Português e, ainda hoje, é a versão mais utilizada. Portanto, eu cresci com a noção de que a transcendência pode ser descrita em palavras portuguesas. Cresci na companhia desse livro sagrado; que é sagrado para quem acredita nele e, sem dúvida, um livro de literatura inesgotável e superior para quem não acredita. O maior livro do mundo, quer para os crentes, quer para os descrentes. Cresci com essa noção de que o Português podia alcançar uma coisa que a língua por si só não alcançava. Ou seja: as palavras acabam por superar a própria língua e a língua fornece base às palavras para que elas se superem. Há uma relação muito bonita entre as palavras e a língua e uma identidade que é mais do que nacional.

- Falou de identidade nacional. Como a define?

- Eu sou muito patriótico em relação à língua portuguesa e não sou assim tão patriótico em relação a Portugal. Eu não acho que Portugal seja o melhor país do mundo, mas aprendi a perceber que, muito possivelmente, a língua portuguesa é a melhor língua do mundo. Se calhar não é, se calhar haverá outras melhores, mas o Português já me deu coisas que nenhuma outra língua me dará. Durante muitos anos eu dizia que queria tratar bem o Português. Hoje penso de modo oposto: eu não quero tratar bem o Português, eu quero é que o Português me trate bem, porque me tem dado exatamente o que eu preciso. A minha conceção do divino não tem de estar para lá da língua. Além disso, a língua dá-me exatamente as barreiras que eu necessito. E então, mais do que servir-me da língua, eu quero ser um servo da língua. A língua dá-me soluções que eu não espero, nas quais eu não estou sequer a pensar e surpreende-me, continua a surpreender-me sempre. É quase um organismo vivo e com regras antigas e estruturas gramaticais – eu ainda uso o Acordo de 1945 – que não estão propriamente em fase de grande transformação. Mas mesmo essa língua portuguesa fechada continua a ser a maior porque consegue fornecer-me veículos de expressão aos quais eu não consigo chegar de outro modo.

- No entanto, o Samuel sempre afirmou que as suas maiores influências são o Bob Dylan, o Tom Waits, o Leonard Cohen, dizendo que eles, que escrevem em Inglês, é que o levaram a escrever em Português.

- Eu tinha bandas em Inglês e, depois, apercebi-me que, por muito que eu domine o Inglês, nunca vou conseguir escrever em Inglês como eles escrevem porque eles estão a escrever, como já alguém disse, na língua em que sonham,

na língua em que pensam quando estão assustados. Portanto, se eu quiser fazer um bom uso da relação literatura-linguagem, terei de o fazer na língua em que sonho e na qual me assusto, que é a língua portuguesa.

A MEMÓRIA DE ANTÓNIO VARIAÇÕES

- Não sei se concorda, mas julgo que na sua escrita existe um certo grau de influência de alguns letristas portugueses, nomeadamente o António Variações. E isso é visível, por exemplo, quando o Samuel resgata expressões do dia-a-dia para o seu universo lírico.

- Sim, sem dúvida. O caso do Variações pela simplicidade e por ele ser um tradicionalista marcou-me bastante. É a pessoa mais vanguardista que apareceu em Portugal. Possivelmente até hoje, não há ninguém tão da vanguarda, incluindo quem anda a fazer música experimental e até música mais inaudível, não há ninguém tão vanguardista como o Variações porque ele soube como ninguém sintetizar o que era uma tradição de fado, de música tradicional, de ideias da terra.

- Onde é que encontra fado na música dele?

- A primeira canção dele que apareceu foi a versão do “Povo que Lavas no Rio”. E, claro, a adoração que ele tinha pela Amália. Não há certamente fado na música. Há fado na ideia, numa ideia de país, há uma ideia muito relacionada com o fado. O “Adeus que me Vou Embora”, a canção que ele fez para a mãe... uma espécie de melancolia, de melancolia alegre que é, de certa maneira, aquilo com que podemos resumir o fado de Lisboa: a tal melancolia alegre. Há sempre temas melancólicos, mas que muitas vezes são feitos com trinados de guitarra portuguesa que são alegres, e isso existe também no Variações. Não na estrutura, nem os acordes menores, nem na própria cadência que não é fado, mas existe uma ideia de país que está muito relacionada com o fado e o folclore: e isso é super-vanguardista. Não são as recolhas do Giacometti, não é a Brigada Vitor Jara, não é o Conjunto António Mafra, não é nada disso – é mais para a frente! Não é alguém a tentar cristalizar o passado, é alguém completamente influenciado pelo passado, mas a revolucionar aquilo que é de hoje.

- Alguém com os olhos postos no futuro?

- Completamente com os olhos postos no futuro. O Variações é alguém que me acompanha desde que eu sou criança e houve uma altura na adolescência em que eu percebi que não houve ninguém como ele e certamente não haverá: ele é um génio! Um génio que não sabia sequer que era um génio. E era uma figura: a figura mais pacata e, ao mesmo tempo, a mais excêntrica.

LETRISTAS PORTUGUESES E BRASILEIROS

- Por um certo gosto pela desconstrução também se notam no seu trabalho alguns ecos da escrita de Rui Reininho e de Manuel Cruz. Concorda?

- O Manuel Cruz talvez nem tanto porque ele é somente cinco anos mais velho do que eu e surge numa altura em que eu já estava praticamente formado

em termos de pensamento. Gostava bastante dos Ornatos Violeta, mas nunca os considerei propriamente uma influência. Era uma banda de que eu gostava muito e achava-os uma espécie de resistentes de uma tradição de *Pop-Rock* em Português que se estava a perder nos anos 90. Os Ornatos investiam na vertente *Rock*, com um lado de diversão *Funk* que não havia, na altura, em mais lado nenhum em Portugal. No entanto, os Ornatos não foram uma influência porque eu já estava, por essa altura, a fazer algumas canções. O Reininho, talvez sim, pelo trocadilho que não é gratuito, pelo modo como ele manuseia algo que nos faz rir, mas que é, ao mesmo tempo, cáustico e venenoso.

- O Samuel também já afirmou, algumas vezes, que nota em alguns letristas portugueses o uso de certos mecanismos de escrita previsíveis e gastos ... não sei se se estará a referir ao excesso de metáforas e às rimas previsíveis.

- Sim, e à anástrofe que é um dos recursos estilísticos mais abusivamente utilizados. Quando faço referência a esses mecanismos gastos não me estou propriamente a referir a letristas, mas sim a tarefeiros, que são pessoas que pensam só na música, e a letra, para eles, é só uma coisa para encher. Temos muitos bons letristas em Portugal e esses normalmente fogem a esses mecanismos. E temos bons letristas praticamente em todo o tipo de música em Portugal: na música ligeira, no *Rock*, no *Rap*, etc. E no Brasil, também temos bons letristas - aí, sim, uma grande influência para mim. Em Portugal, hoje, a maioria dos letristas que me excitam e aos quais eu reconheço muito valor, são meus contemporâneos e, por isso, também não serão propriamente uma influência. Em relação ao Brasil já será diferente.

- Estou a lembrar-me do Arnaldo Antunes ⁷.

- O Arnaldo, sim, embora não seja uma pessoa assim tão velha. Mas, mais do que uma influência direta, há uma ideia de elasticidade da língua no Brasil, de criar neologismos, por exemplo, enfim, de procurar formas criativas de escapar a esses tais mecanismos que faz todo o sentido para mim. Existem letristas como o Chico César Chico César ⁸, que é uma das grandes influências. Eu, por vezes, tenho um certo pudor em usar trocadilhos, mas dou por mim a pensar que o Chico César não se importa nada com isso. A começar logo pelos títulos dos álbuns dele: *Mama Mundi*, *CusCuz Clã*. A primeira canção que eu ouvi do Chico César

⁷ Arnaldo Antunes é um destacado cantautor *Pop-Rock* da música contemporânea brasileira. Para além duma bem-sucedida carreira a solo, fez parte do grupo Titãs e do super-grupo brasileiro Tribalistas. Frequentou, sem finalizar, o curso superior de Linguística na Universidade de São Paulo. É também artista plástico e um poeta premiado. O seu universo lírico tem vincados traços intertextuais que remetem para a poesia concreta brasileira e para autores como Ferreira Gullar e João Cabral de Melo Neto.

⁸ Chico César é um cantautor afro-indi-brasileiro, nascido no estado da Paraíba, que convoca para a sua obra elementos musicais oriundos de tradições musicais populares e também eruditos. Intervém também politicamente e escreve poesia de altíssima qualidade.

⁹ é fortíssima em termos imagéticos. Tem uma a cigana a ler a palma da mão do Paulo Freire ¹⁰, que foi o grande responsável pela literacia no Brasil, intitula-se “Beradêro” ¹¹, e tem versos como “A contenteza do triste/Tristezura do contente”. O neologismo acende as palavras, o que é bom, pois as palavras poderiam estar mortas e, assim, são resgatadas. As palavras mais banais se forem reinventadas podem ser acesas. E ao acender as palavras, incendeiam-se também ideias.

LITERATURA

- Parece-me existir também na sua obra intertextualidade com alguma poesia portuguesa. Com o Ruy Belo, por exemplo.

- Sim. Embora eu faça questão de que as minhas influências permaneçam num certo grau de inconsciência até para depois eu não ter de prestar qualquer tipo de vassalagem.

- Qual é a relação que tem com a literatura?

- Fui sempre muito pouco regrado na leitura – o que não quer dizer que leia pouco, é precisamente o inverso, no entanto, existe alguma preguiça, pois, não sistematizo muito aquilo que leio. Mas, por vezes, eu estou a reler algo que escrevi e percebo que há algo ali que se relaciona com leituras feitas há muitos anos; por exemplo o Mário Cesariny ou, sim, o Ruy Belo, e não tem necessariamente de ser poesia. Mas quando estou a escrever não há nada disso na minha cabeça. Claro que eu sou um filho duma tradição de escrita porque há gente que me antecedeu, que escreveu magistralmente e que me obrigou a ter algum tipo de ligação à escrita deles e a lê-los com muita atenção. Eu sou filho das coisas que leio, mas sou amiúde esse órfão, às vezes, ingrato de não o reconhecer.

- Terá a sua escrita alguma conexão com a designada Literatura do Eu? Serão as suas canções uma espécie de diário de bordo? Pergunto isto porque o Samuel já afirmou, algumas vezes, que é uma espécie de comentador de si próprio.

⁹ Eis um trecho da canção a que Samuel Úria se refere: Os olhos tristes da fita/Rodando no gravador/Uma moça cosendo roupa/Com a linha do Equador/E a voz da Santa dizendo/O que é que eu tô fazendo/Cá em cima desse andar (...)/Os sem paixão sem alqueire/No peito dos sem peito uma seta/E a cigana analfabeta/Lendo a mão de Paulo Freire/A contenteza do triste/Tristezura do contente/Vozes de faca cortando/Como o riso da serpente/

¹⁰ Paulo Freire foi um pedagogo de dimensão internacional, autor do livro *Pedagogia do Oprimido*, que instigou o desenvolvimento da Pedagogia Crítica. Teve um papel relevante na área da educação brasileira, sendo oficialmente considerado o Patrono da Educação Brasileira. Foi Doutor *Honoris Causa* por diversas universidades.

¹¹ “Beradêro”, a canção referida por Samuel Úria, faz parte do seminal álbum de Chico César, dado a lume em 1995, intitulado *Aos Vivos*, e é cantada a *cappella* por Chico César. A palavra Beradêro indica uma condição de fronteira entre um Brasil interior e rural e um Brasil industrializado e urbano; é sinónimo de beiradeiro e pessoa rústica.

- Isto será certamente a afirmação menos humilde de se fazer; mas eu julgo que sou uma pessoa pouco vaidosa e serei até uma pessoa muito pouco egoísta no meu dia-a-dia, mas quando chego à escrita, se calhar, as coisas são diferentes. Eu também não quero comprometer mais ninguém a não ser eu próprio. Não quero estar a expor ideias e a tentar fazê-las passar por ideias generalizadas, por isso, tenho que assumir completamente aquilo que penso e ser o mais personalizado possível. As experiências são vistas à luz dos meus olhos; quem esteve ao meu lado poderá tê-las visto de outro modo. Como há um cunho pessoal haverá sempre um lado muito biográfico, um lado, por vezes, até um bocado xistoso, de querer que exista sempre um olhar mordaz, mas que se centra efetivamente na minha visão das coisas. É uma mordacidade minha e, se eu quero criticar algo, não tenho que envolver outras pessoas para engrossar as fileiras dessa maledicência. Não sendo eu próprio egoísta, no entanto, a minha escrita porque vinca-damente pessoal poderá ser considerada egoísta.

A TERRA PROMETIDA

- Para concluir e voltando um pouco atrás; pergunto-lhe se acredita na salvação, se, para si, existe efetivamente a Terra Prometida?

- Eu não sei como é que viveria a minha vida se não acreditasse na salvação. Acredito que há uma Terra Prometida, uma terra melhor do que esta, embora a minha visão de fé, a minha visão religiosa, tenha muito pouco que ver com a conceção duma Terra Prometida enquanto recompensa. A maturidade da minha fé tem sido cada vez mais considerar que eu devo fazer o bem e devo querer que os que me rodeiam também tenham acesso a essa salvação porque esta é a melhor maneira de se viver. De fato, a melhor maneira de se viver nesta terra, que não é a prometida, é viver em função da salvação dos outros: não há nada que me dê mais felicidade e mais gozo.

- Será, no entanto, mais trabalhoso ter uma atitude assim, julgo eu.

- Sim, mas eu não preciso de nenhuma recompensa divina quando já é tão recompensador viver em função dos outros. Embora a religião e a ciência estejam de costas voltadas, para mim, existe também uma perspetiva quase científica nisto, que é esta: o viver em função dos outros e viver em função do bem dos outros só pode estar certo. E se é certo não pode ser errado. O que é certo não pode nunca estar errado.